

Benny Hinn, Bem-Vindo, Espírito Santo - Como experimentar a Dinâmica do Espírito Santo em Sua Vida (São Paulo: Bompastor Editora Ltda., sem data). Tradução para o português de Maria José Arabicano, do original em inglês: Welcome Holy Spirit (Tennessee: Thomas Nelson Publishers, 1995). 349 pp.

Presumimos nessa resenha que os leitores estão familiarizados com Benny Hinn e com a linha doutrinária exposta em seus livros, a qual está plenamente inserida dentro do movimento carismático contemporâneo. Tendo já escrito, anteriormente, *Bom Dia, Espírito Santo* (Bompastor Editora, 1993), Hinn publica agora mais um trabalho dentro do mesmo tema e já faz o anúncio de que haverá uma *próxima* obra sobre *Os Dons do Espírito Santo*, a ser publicada logo a seguir (p. 348, do livro resenhado, nota 10).

À semelhança dos trabalhos prévios, a excessão de algumas exposições bíblicas, o livro é extensamente autobiográfico. Ele contém detalhados relatos pessoais sobre a infância de Hinn, em Israel (p. 73), sobre a influência recebida de seus familiares (pp. 74-76), sobre a sua conversão e momentos difíceis vividos após ela (p. 83), e sobre a sua carreira numericamente bem-sucedida, no campo do evangelicalismo moderno. Essa carreira culmina com a fundação do Centro Cristão de Orlando (Orlando Christian Center), uma igreja interdenominacional com mais de sete mil membros registrados (p. 154). Essa linha autobiográfica torna interessante a leitura da obra, e serve de veículo para a canalização das inúmeras experiências extraordinárias relatadas pelo autor, que já fazem parte ordinária de sua vida. Por exemplo, ele registra sua conversão em 1972, quando deveria ter entre 20 a 21 anos de idade (p. 21), mas já aos 11 anos teria tido uma "visão do Senhor Jesus," (p. 19) na qual pôde observar "as marcas dos pregos em suas mãos" (p.20). Possivelmente, encontraríamos a explicação para a popularidade e a ampla aceitação das suas obras, neste aspecto íntimo e pessoal do livro, aliado à fácil linguagem e desenvoltura na narrativa.

A exemplo dos livros anteriores, Benny Hinn relata vários *diálogos com Deus*, com o *Espírito Santo*, e várias revelações diretas recebidas dele, por exemplo: o nome do seu primeiro filho foi revelado, anos antes dele nascer (p. 122); ou a revelação sobre a sua segunda filha, que "seria uma grande guerreira de oração" (p. 123). Ficamos intrigados com estes relatos. Serão apenas uma forma hiperbólica de expressão? Serão simplesmente uma maneira retórica de registrar a comunhão normal que os crentes mantêm com o Espírito Santo, como aquele que habita em cada um dos preciosos redimidos de Cristo? Será que um crente comum, não iniciado nesta casta super-espiritual, não expressaria as mesmas situações vividas, dizendo o seguinte: "fiquei pensando no assunto, pedindo a orientação de Deus em oração e saí com a convicção de que este deveria ser o curso de ação a ser seguido; ou de que este ou aquele nome honraria a Deus na minha criança; ou ainda, de que deveria aplicar todos os meus esforços, sob a orientação de Deus, para que a minha filha fosse consagrada e sua vida uma bênção..." Mas não, a forma como Benny Hinn coloca essas experiências transmite a idéia de que ele vive sua vida em um estágio perene de revelação. O extraordinário e o incomum já fazem parte do seu cotidiano. Assim, falando sobre o evangelista inglês Smith-Wigglesworth, famoso por sua atuação no campo da cura e influente na família de sua esposa, ele registra, sem o mínimo grau de questionamento ou cautela, a declaração de que "19 pessoas ressuscitaram dos mortos através do ministério dele" (p.117).

Podemos tirar uma conclusão dos seus relatos dessas interações com o Espírito Santo: esses diálogos revelacionais, supostamente mantidos, *não* constituem *garantia de certeza*

quanto aos passos revelados. Como exemplo disso, temos o registro de seus planos para a fundação de uma igreja. Diz Hinn que já sabia "que Deus queria que eu começasse uma igreja", e que "também sentia que sabia exatamente onde ela deveria ser: Phoenix, Arizona" (p. 149). Esperar-se-ia que uma revelação *tão precisa*, advinda da parte de Deus, estaria acima de qualquer reversão posterior. Ocorre que existiram várias "revelações" subsequentes, dadas a amigos colaboradores seus, à sua esposa, e até a um homem a quem ele não conhecia, e que lhe disse: "O Espírito Santo está me dizendo que você deve iniciar uma igreja em Orlando..." (p. 150). Estas "revelações" adicionais (se bem que contraditórias à primeira) o levaram a "ouvir" do Espírito Santo: "Benny, você deve iniciar uma igreja em Orlando" (p. 151). Qual a nossa conclusão? Que a primeira "revelação" era errônea, mas a segunda verdadeira? Qual o crivo a que devemos submeter as revelações de Benny Hinn, para saber se vêm do Espírito? Temos que aceitar tácita e tranquilamente estas "revelações" que supostamente advêm do Espírito e que nos são apresentadas como normativas em nossas vidas, quando ele próprio registra a contradição (sem dar sinais de admitir o exagero retórico de suas colocações)? Temos de responder pelo menos com três *sonoros nãoos*. Não devemos deixar que sejamos manipulados por qualquer um que venha supostamente trazendo a palavra com a autoridade do Espírito, transcendendo e sobrepondo-se à verdadeira revelação que nos foi dada nas Escrituras Sagradas. Não devemos deixar que experiências pessoais, intangíveis e inverificáveis, nos sejam impingidas como normativas em nossas vidas. Não devemos deixar de exercitar a cautela dos *bereanos*.

Este aspecto contraditório do seu ministério está presente em outras partes do livro. Ele informa que foi *dirigido especificamente* pelo Senhor para jogar o paletó em cima das pessoas, para que recebessem a unção do Espírito (p. 325), mas hoje já não faz mais isso, porque as pessoas passaram a vir "às cruzadas, *esperando* ver-me tirando o casaco e usando-o como um meio de trazer a unção" (p. 327); ele defende "o riso santo" e descreve como isto ocorreu pela primeira vez, em uma de suas reuniões, em Portugal (p. 329), mas adverte que "quando as pessoas começam a buscar a *manifestação* ao invés do *Mestre*, a presença de Deus se retira" (p. 330). Nestas colocações ele aparece no mínimo indiferente ao fato de que o seu ministério é basicamente mais propagador das manifestações do que o ministério do próprio Mestre, e que ele é o responsável por incontáveis imitações destas manifestações. Indagamos ainda: se o Espírito supostamente lhe direcionou a que passasse a jogar o paletó, por que o seu julgamento, de que tal mesura passara a ser inapropriada, iria se sobrepor ao direcionamento anterior do Espírito? Detectamos, no mínimo, incoerência com suas próprias premissas.

Os melhores pontos do livro são aqueles em que ele se refere à Palavra e se limita à exposição bíblica sobre a pessoa e obra do Espírito Santo. Encontramos uma boa exposição da *personalidade do Espírito* (pp. 45 a 60); da sua *divindade* (pp. 64 a 72); dois capítulos são ocupados com uma exposição dos *nomes e títulos* do Espírito, se bem que intercalados com notas autobiográficas sem muito relacionamento com o contexto (capítulos 4 e 5 - pp. 97 a 116 e 124 a 145). Na teoria, ele defende até a posição histórica da Igreja, fazendo referência ao Credo Niceno (p.32), e enaltecendo a forma de tratamento à Trindade, ali encontrada. Mas a impressão deixada é que essas âncoras bíblicas de conhecimento sobre a pessoa do Espírito Santo não chegam a ser tão fundamentais assim no desenvolvimento de sua teologia e prática. Esta é muito mais construída nas suas experiências pessoais e extraordinárias do que na Revelação Bíblica que nos ensina quem o Espírito Santo é e o que faz. O "*Como Experimentar a Dinâmica*", do subtítulo do livro é, na realidade, extraído dos relatos sobre o que aconteceu com o próprio Benny Hinn e com pessoas que o influenciaram, e não de uma exposição cuidadosa das prescrições bíblicas. Por exemplo: numa reunião, ele experimentou o poder do Espírito Santo, descrito como uma "intimidade muito grande com o Senhor, algo maior

do que qualquer coisa que eu conhecia, uma experiência que causa impacto na minha vida até hoje" (p. 24). Esta experiência foi precedida por uma *ânsia*. Esta mesma *ânsia* é prescrita ao leitor como sendo o passo inicial para que possa ter uma experiência semelhante: "Esta *ânsia* é muito importante. Na verdade, é a primeira chave para se experimentar a atuação do Espírito Santo..." (p. 25). Hinn não se preocupa se este sentimento ou sensação faz parte das prescrições doutrinárias das Escrituras sobre a pessoa do Espírito Santo e o seu relacionamento com os seus — a experiência volta a falar mais alto que a Palavra.

Em adição, apesar de Benny Hinn registrar o ensinamento bíblico de que o Espírito Santo "nunca exalta a si mesmo, mas sempre glorifica e engrandece o Senhor Jesus" (p. 32), o tratamento dado ao assunto parece demonstrar exatamente o oposto. Este grande ponto, que, no nosso entender, é a chave para o desenvolvimento de uma pneumatologia bíblica, é freqüentemente negligenciado e subvertido por segmentos do movimento pentecostal e neo-pentecostal, resultando nas distorções litúrgicas e doutrinárias observadas nesses campos. O resgate da Cristologia verdadeira passa pelo reconhecimento e incorporação prática das explicações de Jesus sobre a obra do Espírito Santo (João 14 a 16) — ou seja, a Pneumatologia verdadeira é aquela que é Cristocêntrica. Ocorre que tal reconhecimento tem de ir *além* dos meros registros e da retórica característicos de Benny Hinn, pois eles se anulam quando as experiências se sobrepõem à Palavra. Apesar da declaração contrária, a observação que temos destes segmentos denominacionais e do livro, como um todo, é que espera-se sempre que o Espírito fale de si mesmo.

Para Benny Hinn, as razões motivadoras da Reforma e o grande abismo doutrinário que separa o Catolicismo Romano do Protestantismo Histórico devem ser meras firulas doutrinárias; detalhes insignificantes que não devem se intrometer na interpretação estendida que ele dá ao "ecumenismo interdenominacional" que pratica. Com efeito, Hinn registra que, no início do seu ministério, "um grupo de padres católicos de várias igrejas patrocinou minhas reuniões no norte do Canadá" (p. 290). Nessa ocasião, foi convidado pela madre superiora de um hospital católico para conduzir um culto, "juntamente com outros três pastores pentecostais e sete sacerdotes católicos" (p. 291). O objetivo daquela visita era a cura, praticada e obtida, naquele hospital. Estas manifestações são classificadas como "avivamento" (p. 295) e nenhuma menção é feita ao ministrar da cura espiritual à alma, providenciada pelo Evangelho Salvador de Cristo, sem intermediários outros que não o próprio Cristo, sem recursos outros que não a própria fé, que é dom de Deus. Na realidade, o ponto alto daquele "avivamento" foi quando um dos padres, sem entender muito bem o que estava fazendo, percorreu os corredores daquele hospital com o braço levantado, aplicando a cura aos enfermos que encontrava, aplicando a "unção" do Espírito.

Em conclusão, não podemos deixar de ver a ironia do fato que a grande influência na vida e ministério de Benny Hinn, com suas peculiaridades doutrinárias tão marcantes, teve origem em uma *igreja Presbiteriana*, sob a égide de um ministério feminino, cuja ênfase era totalmente nas prolongadas sessões de cura. Nas páginas 21 a 29 lemos como a sua presença em uma dessas sessões de cura, dirigida por Kathryn Kuhlman, na Primeira Igreja Presbiteriana de Pittsburgh, em 1973, foi o *ponto de partida* de toda a sua carreira formando as características principais que o identificam até os dias de hoje. Ele próprio fala da semelhança do seu ministério "com o de Kathryn" (p. 335). Obviamente esta reunião ocorreu em um segmento do presbiterianismo que já havia ab-rogado os seus fundamentos confessionais (havia adotado a herética "Confissão de 1967") e que abertamente negligenciava os parâmetros doutrinários e litúrgicos da Reforma, abrigando

a ordenação feminina. Como no Brasil temos a tendência de imitar retardadamente os trejeitos e modismos eclesiásticos do mundo religioso norte-americano, mesmo quando os resultados no país de origem se mostram espiritualmente deletérios, será que não podemos enxergar aqui um aviso para nos mantermos, como igreja, fora deste curso perigoso?

— *F. Solano Portela Neto*